

agosto/2025

# Revista Verlidelas

edição n° 57



VERLIDELAS

## conto:

### CURA OU PODA?

Não é o espelho  
que fere, mas  
a natureza  
do mundo

## poesia:

A casa  
da vida

## destaque:

### NO PRELO

Uma obra que  
confronta  
certezas

entrevista

# PRISCILA PEREIRA

agosto/2025

edição nº 57

# Sumário

ENTREVISTA ... 03

**Priscila Pereira**

CONTO ... 12

***Thuya occidentalis***

**Mogg Mester**

POESIA ... 20

**A Casa da Vida**

**William Ribeiro**

NO PRELO ... 22

**É proibido ponderar,  
livro de Jerônimo Bento**

**Sergio Carmach**

EXPEDIENTE:

Editor-chefe:

•Sergio Carmach

Editora assistente:

•Luzia Barbosa

Revisão, diagramação e arte:

•Sergio Carmach

Agradecimentos:

•[Alegria de viver e amar o que é bom](#)

•[PodLetras](#)

•[Revista SerEsta](#)

[contato@verlidelas.com](mailto:contato@verlidelas.com)

[www.verlidelas.com](http://www.verlidelas.com)

[www.facebook.com/verlidelas/](https://www.facebook.com/verlidelas/)

Verlidelas Editora

CNPJ 27.850.067/0001-71

Rio de Janeiro/RJ

## EDITORIAL

Ser diferente muitas vezes é um desafio. Mas é justamente a existência das singularidades que dá cor à literatura e nos permite descobrir perspectivas originais através dos livros. Nesta edição da Revista Verlidelas, exploramos como a *diferença* se revela nas histórias e na poesia, e como ela se manifesta nas reflexões de autores que seguem caminhos próprios de criação.

Na seção principal da revista, Priscila Pereira conta como experiências únicas moldaram sua produção literária. Morando no interior, ela encontrou na leitura e na escrita uma forma de explorar mundos diversos e afirmar sua voz. Priscila percorre uma trajetória em que a troca entre autores de diferentes visões e experiências é uma ferramenta de crescimento constante. Seus textos – alguns premiados em disputas literárias – combinam imaginação e valores pessoais, tornando sua obra distinta.

O conto de Mogg Mester narra um conflito familiar marcado por intolerâncias, preconceitos e feridas profundas. A narrativa evidencia como as diferenças, quando não compreendidas, podem gerar dor, mas também despertar resistência e coragem em quem tem a força de permanecer fiel a si mesmo. William Ribeiro, por sua vez, nos empresta versos sobre uma casa que é abrigo e prisão ao mesmo tempo. Nela, vida e decadência, gritos e silêncios, entulho e sonhos refletem as particularidades que habitam o íntimo de cada um. Por fim, apresentamos o novo livro de Jerônimo Bento, “É proibido ponderar”, que questiona certezas prontas e recusa o conforto dos discursos fáceis. Para Jerônimo, num tempo em que a reflexão parece proibida, ousar ser diferente é quase um ato de resistência.

É isso, amigos! Que cada página da revista nos convide a olhar o mundo sob outros ângulos e a descobrir novas formas de sentir e imaginar. Boa leitura!

**Sergio Carmach e Luzia Barbosa**

VERLIDELAS

## PRISCILLA PEREIRA

Nascida e residente em Passa Quatro, no sul de Minas, ela é cristã, casada, mãe e dona de casa – e encontrou na escrita uma paixão cultivada com carinho e constância. Leitora desde a infância, começou a escrever já adulta, publicando seus primeiros textos no Recanto das Letras, onde mantém até hoje sua “escrivantina” virtual. Foi no *site* EntreContos que mergulhou de vez no universo literário, participando ativamente dos desafios de contos e desenvolvendo sua voz como autora. Lá também surgiu a oportunidade de integrar o coletivo As Contistas, grupo com o qual vem ampliando sua trajetória. Hoje, tem contos e poemas publicados em diversas antologias e segue escrevendo com o entusiasmo de quem ama as palavras. Um de seus textos será apresentado em breve aqui na revista. Agora, conheça mais sobre essa autora talentosa no bate-papo a seguir.

**Você conta que escreve por diversão. O que torna esse ato tão prazeroso para você?**

Sempre morei no interior, em uma cidade pequena que não oferece muitas opções de distração. Então, tomei gosto pela leitura. E, para falar a verdade, não sentia falta de mais nada. Tudo o que eu poderia querer achava nos livros. Mais tarde, isso me levou a escrever – uma forma de sair da rotina, de acrescentar animação e adrenalina ao meu dia a dia. Inventar histórias; criar mundos; conceber personagens e torná-los humanos, profundos; deixar que outras pessoas entendam como funciona sua mente, sua imaginação: tudo isso é muito gratificante. Mas devo confessar que o ato de escrever é árduo, muitas vezes difícil e desanimador. Sempre digo que não gosto de escrever, mas amo ter escrito. Escrevo pelo desejo de ver a minha história finalizada, mesmo sabendo do trabalho e das frustrações existentes no percurso.



**Quais foram os primeiros livros ou autores a marcar você?**

Morei minha infância toda ao lado da biblioteca municipal, então cresci lendo tudo o que conseguia. Li uma infinidade de diários – eram meu tipo preferido de texto – e todos os infantojuvenis que a biblioteca possuía. Amava Pedro Bandeira, Ganymédes José, Sílvia Escorel e muitos outros já perdidos na memória. Quando adolescente, conheci os clássicos e me apaixonei pelas irmãs Brontë – “Jane Eyre” e “O morro dos ventos uivantes” eu li várias vezes; e estão entre meus livros prediletos – e por Jane Austen. Li também tudo o que havia do Sidney Sheldon na biblioteca. Já adulta e me aventurando nos contos, conheci a trilogia “Jogos vorazes”, de Suzanne Collins, e me identifiquei muito com o estilo dela – limpo, direto, focado na imaginação do leitor, com um narrador praticamente invisível. Para a autora, a história importa mais que a forma. A escrita e a inventividade de Gabriel García Márquez também se tornaram uma referência para mim.

*engavanh...  
foi a...  
perm...  
nes e os s...  
acos e pernas começaram...  
a senti los. Sentada  
meu corpo  
Olhei para*

Recanto  
das Letras

Entre  
Contos  
LITERATURA

Quando descobri o Recanto das Letras, fiquei encantada! Mesmo sem saber nada sobre técnica ou como elaborar uma história decente, escrevia e postava; e os comentários me impulsionavam a continuar. Foi lá que alguém me falou do EntreContos, onde comecei a participar dos desafios.



**Seu início foi no Recanto das Letras. O que esse espaço significou (e significa) para a sua trajetória?**

Sempre quis escrever um romance, e comecei vários que nunca foram para a frente. Então resolvi tentar os contos – e descobri um universo novo de possibilidades. Percebi que conseguia terminar uma história curta, e gostava bastante do que produzia. Quando descobri o Recanto das Letras, fiquei encantada! Mesmo sem saber nada sobre técnica ou como elaborar uma história decente, escrevia e postava; e os comentários me impulsionavam a continuar. Foi lá que alguém me falou do EntreContos, onde comecei a participar dos desafios. Hoje em dia, praticamente só uso o Recanto das Letras como uma bi-

blioteca de fácil acesso a todos os meus textos, pois pouquíssimos comentários atuais demonstram que a pessoa realmente leu; na maioria das vezes, são comentários rasos, feitos por autores que querem apenas atrair leitores para os seus próprios trabalhos.

**O EntreContos parece ter sido um divisor de águas em sua trajetória. O que nos desafios do grupo despertou tamanho entusiasmo? E que mudanças percebe no seu estilo desde então?**

Escrever para um desafio de contos é muito diferente de escrever sem nenhuma pretensão. O que mais me chamou a atenção no primeiro instante foi a



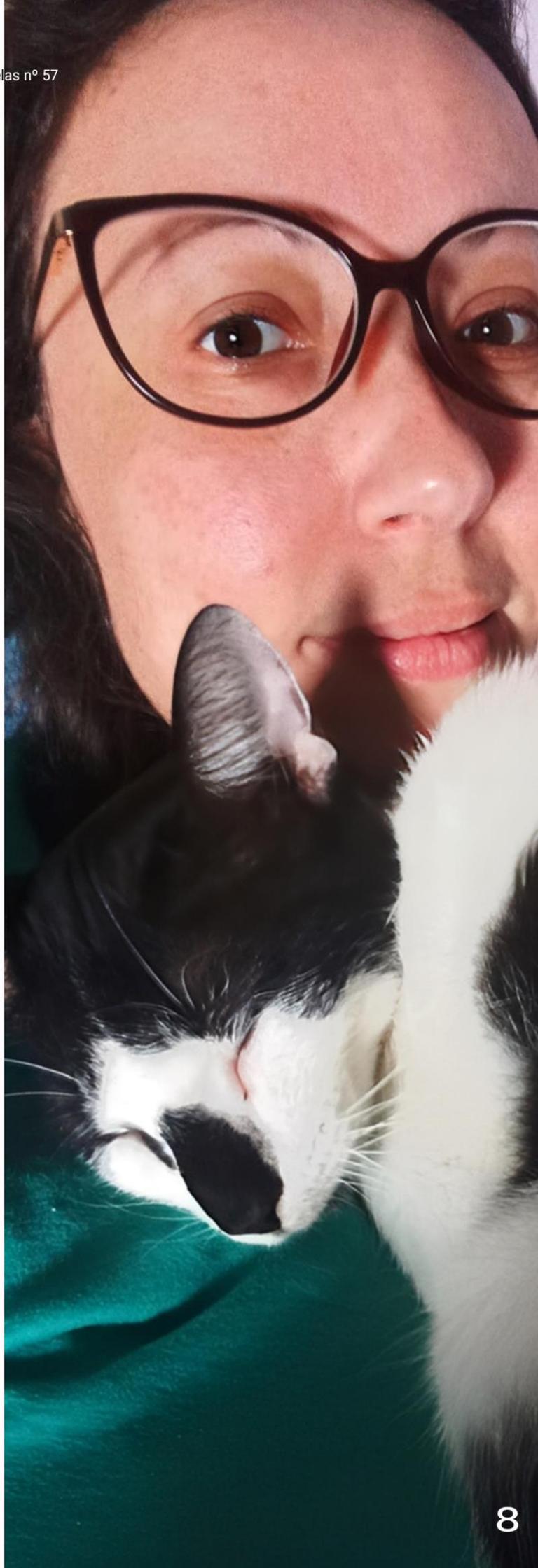
(...) depois de quase dez anos participando dos desafios, estou indo muito bem. Já fiquei no pódio várias vezes, inclusive como campeã. E a emoção é sempre a mesma a cada competição.



competição. Graças a Deus, minha vida é muito calma e previsível. Mas ela não me dá oportunidade de vivenciar fortes emoções, como a adrenalina de uma boa disputa. Então fui completamente fisgada pela proposta do *site*. E percebi que a qualidade dos comentários, tanto os que eu receberia quanto os que teria de formular, seria muito superior ao que estava acostumada. Nada de “Gostei, ótimo conto, parabéns!” Eu precisaria ler e avaliar os contos concorrentes, justificando as notas com comentários inteligentes e pertinentes, voltados para o crescimento e o aprimoramento dos autores. Esse esforço para avaliar os contos acabou desenvolvendo meu senso crítico, e me fez prestar mais atenção à forma como eu mesma escrevia. Os comentários dos outros participantes também foram indispensáveis para o meu crescimento. Aprendi muito e ainda aprendo! No começo, ficava nos últimos lugares; agora, depois de quase dez anos participando dos desafios, estou indo muito bem. Já fiquei no pódio várias vezes, inclusive como campeã. E a emoção é sempre a mesma a cada competição.

**Como foi conhecer o coletivo As Contistas e o que essa experiência trouxe para você como autora e leitora?**

O coletivo As Contistas nasceu dentro do Entre-Contos. Todas nós éramos participantes ativas dos desafios, mas algumas não gostavam tanto da competitividade acirrada e mais masculina do *site*. Elas decidiram criar um espaço só para mulheres, em que o objetivo não fosse a competição, e sim o crescimento como autoras, a troca de experiências, o incentivo e a amizade. Somos leitoras beta umas das outras, apoiamos os projetos das demais, fazemos oficinas de escrita e publicamos antologias do coletivo com várias editoras. A maioria das meninas já escreveu livros solo, entre obras poéticas, contos e romances; e temos autoras premiadas! Para mim é uma honra estar junto delas, mesmo eu não tendo grandes pretensões literárias.



**Você é esposa, mãe, dona de casa... e escritora. Como equilibra essas múltiplas funções no dia a dia? Há momentos reservados para escrever ou você escreve quando dá?**

Costumo produzir quase sempre para desafios ou antologias. Raramente me dedico à escrita sem um propósito definido, sem um tema, só por escrever. Por isso, quando me surge a necessidade de criar um texto, tiro um tempo – geralmente enquanto minha filha está na escola – e aproveito para adiantar o máximo que posso. Não vejo a escrita como um trabalho, então me entrego a ela apenas quando tenho vontade.

**Há algum gênero ou tema que mais reflita quem você é? E como a fé cristã se manifesta ou dialoga com a sua escrita?**

Com certeza, sou contista. Dificilmente me vejo escrevendo um romance, e a poesia é só um flerte mesmo. Gosto de temas mais psicológicos, que abordem as emoções e a mente humana de forma profunda, então acabo escrevendo muito drama, ter-

ror e suspense. Gosto bastante também de fantasia e ficção científica, apesar de não abordar quase nada do lado científico. Muitos dos meus contos refletem os valores e princípios cristãos, uns de forma mais explícita e outros de forma quase imperceptível, mas todos preservam a integridade da minha fé.

**Seus textos estão espalhados em antologias e no Recanto. Qual deles lhe traz mais orgulho e por quê?**

São muitos, principalmente os recentes, que estão mais afiados na técnica e na profundidade do enredo. Mas tenho apreço especial pelos que foram campeões nos desafios. “O movimento do coração” foi meu primeiro conto campeão no EntreContos, e por isso tem um lugar único. “O despertar das mariposas” conquistou o segundo lugar no concurso literário de terror e suspense do Recanto das Letras. Também tem “Quem eu costumava ser” e “Biscoitos e queijo”, dois outros vencedores no EntreContos, além de “Mea culpa”, que ficou em segundo lugar nesse mesmo site.

Costumo produzir quase sempre para desafios ou antologias. Raramente me dedico à escrita sem um propósito definido, sem um tema, só por escrever.



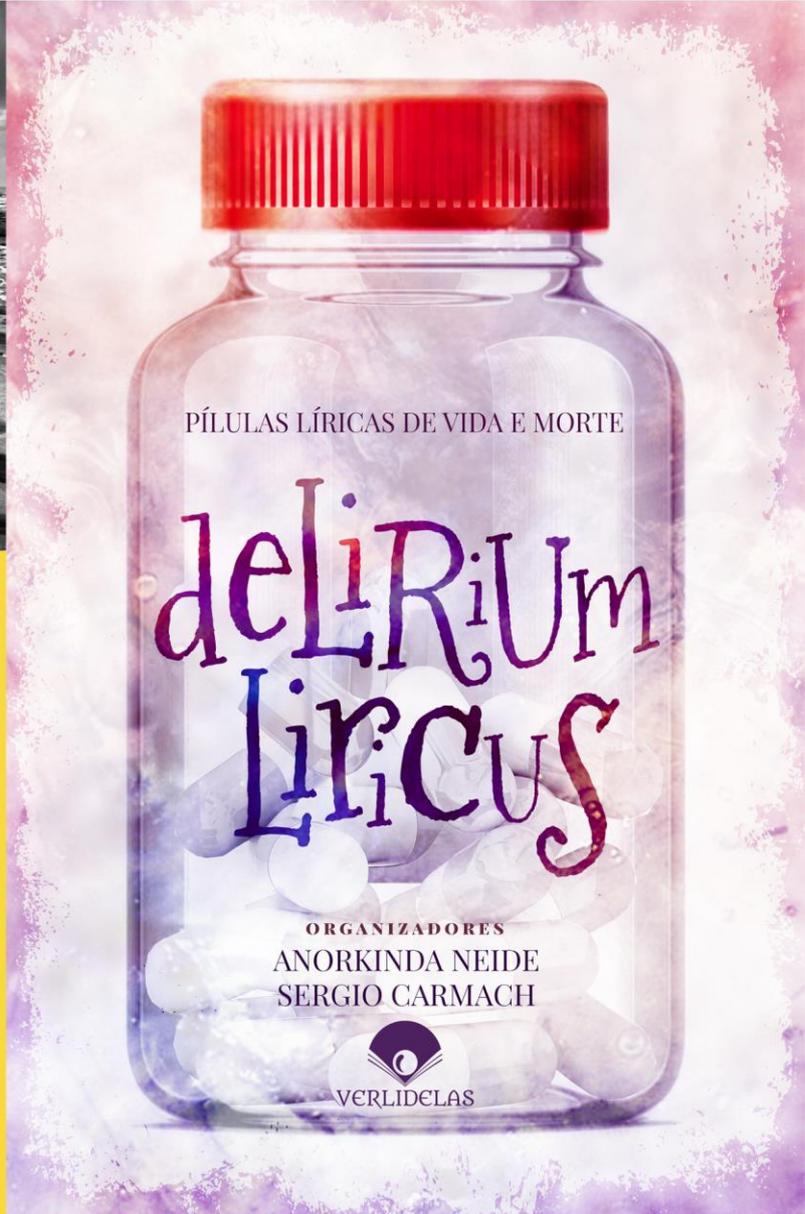


# Devaneios Improváveis

sexta antologia

Org. Gustavo Araujo

**Entre  
Contos**  
LITERATURA



**Você acredita que existe um momento certo para mostrar seus escritos ao mundo? O que diria a quem ainda guarda seus textos por medo ou insegurança?**

O momento certo é sempre agora, o presente é tudo o que temos, então – se você escreve – não tenha medo da opinião das pessoas. Talvez você precise receber muitas críticas para perceber onde está errando e fazer melhor da próxima vez. Só conseguimos aprimorar nossa técnica e criatividade com a

prática constante e a opinião sincera de pessoas que não vão só elogiar, mas apontar os pontos fracos e sugerir melhorias. No crescimento e amadurecimento de um autor, não há lugar para orgulho ferido e ego frágil. Sugiro a quem escreve que encontre uma comunidade de autores comprometidos com o crescimento e a diversão, e talvez dispostos a um pouquinho de competição saudável. E, se não achar uma de que goste, crie a sua. É indispensável! ■



ARTE: WILL SANTOS



<https://www.youtube.com/PodLetras>

LIVES TODAS AS TERÇAS E QUINTAS  
ÀS 20H NO YOUTUBE E NA TWITCH

PodLetras

O PodLetras – canal formado pelos escritores César Costa, Marlos Quintanilha e Will Santos – é feito para pessoas que curtem arte, especialmente literatura. Cada programa apresenta um bate-papo descontraído com um convidado interessante, oferecendo uma experiência enriquecedora para o espectador.



Mogg  
Mester

Conto

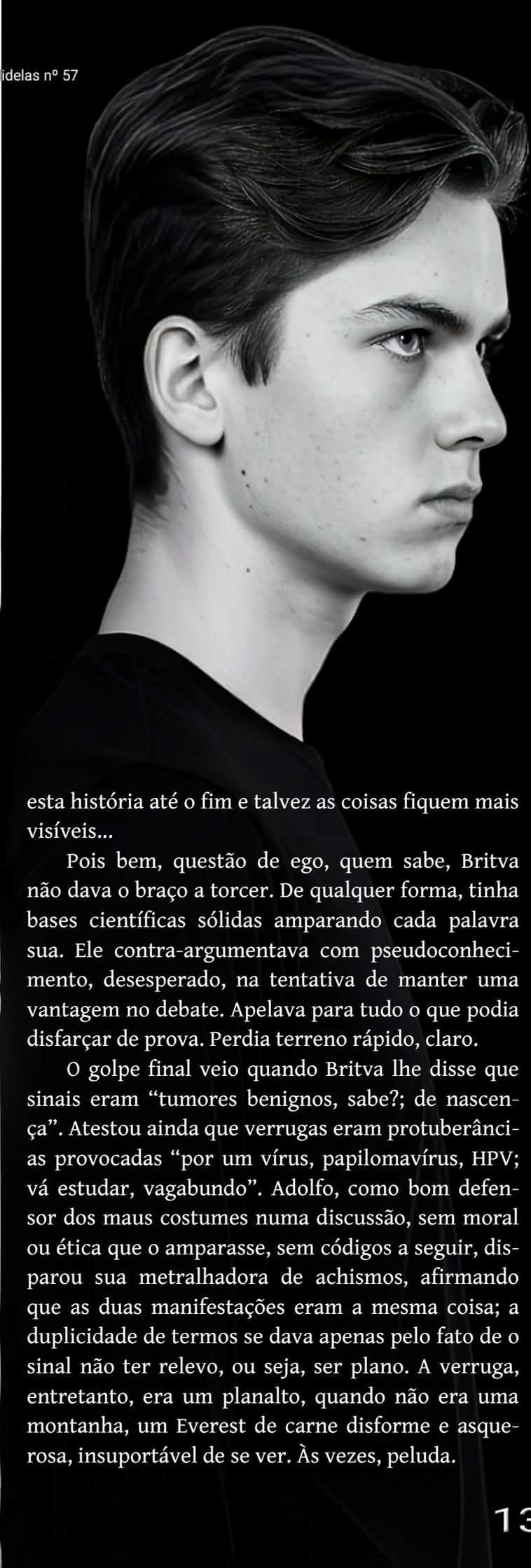
Conhecido por seus trabalhos de literatura fantástica e pela trilogia "A Auriflama do Caos", é servidor público formado em Medicina Veterinária e Psicologia, atuando como joalheiro nas horas vagas. Pela Verlidelas, participou de antologias e publicou o livro solo "A Alameda dos Algodões Flutuantes". Neste conto, transforma um detalhe corriqueiro no ponto de partida para uma narrativa afiada sobre diferenças, provocações e conflitos familiares.

# THUYA OCCIDENTALIS



**A PRIMEIRA DISCORDÂNCIA DESTACÁVEL** surgida entre ambos foi sobre um assunto trivial: a diferença entre sinal e verruga. Ela, Britva, achava que eram coisas diferentes; ele, Adolfo, iguais. Ele tinha dezessete; ela, quinze. Ela estudava para o vestibular de Biomedicina, em contraste com sua mãe, que era dona de casa; ele queria ser jurista, como o pai. Diferentes em muito. Parecidos em quase nada. Essa receita lhes minou a amizade e arruinou a relação. “Laços de sangue, laços eternos...” Isso é o que falam sobre famílias...

Aquele impasse parecia fácil de se resolver. Bastava que um dos dois abrisse mão da toleima, da rigidez em seu posicionamento, e tudo ficaria bem. Seria assim se a motivação da discórdia fosse apenas o tema da discussão, “sinal ou verruga?” Porém, algo mais cabeludo se arrastava sob a esteira desse desentendimento, faltava um ingrediente nessa relação entre irmãos. Dá para imaginar qual? *Tolerem*



esta história até o fim e talvez as coisas fiquem mais visíveis...

Pois bem, questão de ego, quem sabe, Britva não dava o braço a torcer. De qualquer forma, tinha bases científicas sólidas amparando cada palavra sua. Ele contra-argumentava com pseudoconhecimento, desesperado, na tentativa de manter uma vantagem no debate. Apelava para tudo o que podia disfarçar de prova. Perdia terreno rápido, claro.

O golpe final veio quando Britva lhe disse que sinais eram “tumores benignos, sabe?; de nascença”. Atestou ainda que verrugas eram protuberâncias provocadas “por um vírus, papilomavírus, HPV; vá estudar, vagabundo”. Adolfo, como bom defensor dos maus costumes numa discussão, sem moral ou ética que o amparasse, sem códigos a seguir, disparou sua metralhadora de achismos, afirmando que as duas manifestações eram a mesma coisa; a duplicidade de termos se dava apenas pelo fato de o sinal não ter relevo, ou seja, ser plano. A verruga, entretanto, era um planalto, quando não era uma montanha, um Everest de carne disforme e asquerosa, insuportável de se ver. Às vezes, peluda.



Foi nesse momento que Adolfo observou pela primeira vez o acúmulo de carne no ombro da irmã. Não é do feitio de pessoas como ele ter empatia pelo adversário. Elas apenas o perseguem, abatem e se comprazem com isso. Declarou, portanto, guerra à Britva, usando o nódulo como arma. Fez um comentário maldoso, chamando, por fim, a irmã de “Papilomatose” – termo que via ligado às verrugas, mas sobre o qual nada entendia – e depois lhe virou as costas para sair do quarto. Ela indignou-se. E com razão. Com que liberdade aquele insolente lhe dizia aquilo? Como teria pego tal doença? O que ele estava insinuando?

– Nada, só tire essa aberração carnosa do ombro.

– Hã?

– Tira essa verruga horrorosa do ombro, Britva.

– Tá maluco? É só um sinal. E quem é você para me mandar remover o meu charme?

– Papilomatose! – repetiu.

Foi o estopim. Britva, como se fosse a espada do mundo, saltou sobre o irmão e os dois se engalfinharam como gatos cegos – dois gatos cegos brigando nunca foram vistos, mas dá para imaginar, não? A coisa não parou por aí. Adolfo sempre contorcia as feições ao ver aquele carrapato de carne grudado ao ombro da irmã. Então, ergueu o sabre que era a sua língua quase bífida e pôs-se a trabalhar em prol de sua guerra. Ape-  
lou aos pais. E deu certo.

A mãe propôs:

- Você está mocinha, Britva. Precisa se cuidar... Podemos dar um trato na sua pele...
- Pele?
- Claro, essas espinhas e...
- Pera aí, mãe! Quer tirar meu sinal, é?
- Não, minha filha... Bem, sua ideia até que é bem-vinda. Tirar essa bolota horrorosa...
- Mããã! É meu sinal! É meu charme!
- Charme? Vai me dizer que verruga é charme, menina?
- Tô vendo que o Adolfo fez o trabalho dele direitinho...
- Que Adolfo, Britva!? Mas, se ele tivesse falado alguma coisa, até que estaria certo...

Adolfo, é claro, ouvia tudo. E sorria.

Só que Britva era uma adversária implacável. É assim com os diferentes. Eles trazem algo dentro de si e se contrapõem às tiranias, silenciosas ou não, pelo simples fato de seguirem adiante carregando aquilo que defendem, seja uma ideologia política, religiosa ou...

- ...uma verruga idiota, pai, que pode até virar um câncer no futuro. Melhor levar a Britva logo a um dermatologista... Aquilo... Aquilo é vergonhoso... Quase obsceno!

O pai não deixou de anotar em sua mente a palavra *câncer*. A maioria das pessoas se nega a ignorá-la, seja por temor, raiva, respeito... O termo, uma semente parruda plantada em um terreno fofo e fértil na mente do advogado, alojou-se ali, criou ramos e frutificou. Pouco tempo depois, o pai, um defensor do bom argumento, comentou algo com Britva e propôs uma visita ao dermatologista. Mas a garota resistiu. Disse impropérios e levou o jurista às raias da irritação.

- Sabe, moleca, você é estranha demais. Seu irmão e eu estamos querendo o seu bem e você reage como uma jaguatirica ferida...

- Ferida vou ficar se tirarem meu sinal!

A simetria de opiniões contra Britva parecia ter se tornado algo sagrado naquela casa. O irmão deu a ela de aniversário um livro no qual o personagem vira inseto. Na encadernação, vinha o pôster de uma barata gigante, que trazia presa à carapaça uma maçã brilhante, quase carnosa, como um rubi sangue de pombo cravado em uma joia de madeira.

Ela jogou o livro pela janela – não pela obra, majestosa em sua própria existência, mas pela afronta. Guardou, e até colou, no entanto, o pôster na porta de seu quarto. Todos em algum momento se sentem como uma barata entre os seus. No caso de Britva, a coroação disso veio com a rotina de olhares meio tortos dos pais e com os comentários cada vez mais perniciosos de Adolfo. Ele, o maestro de todas as discussões sobre a irmã, levantava questionamentos com os quais os pais não deixavam de concordar.



O irmão deu a ela de aniversário um livro no qual o personagem vira inseto. (...) Ela jogou o livro pela janela – não pela obra, majestosa em sua própria existência, mas pela afronta.

– Minha filha, você é muito diferente das outras meninas – atalhou a mãe.  
– Às vezes penso se não seria melhor mandá-la a um psicólogo – disse o pai. – Quem sabe não se torna um pouco mais sociável..

– Britva, você anda muito isolada, minha filha. E se afeta muito fácil. As mocinhas de sua idade não agem assim...

– Você precisa aprender a se comportar, moleca!

– Tome sua prima Marina por exemplo.

– Seu problema é a falta de foco. Quer abraçar o mundo com as mãos, bancar a intelectual. E dá nisso.

– Adolfo é que está certo. Veja só. Tem amigos, sai, vai a festas, se diverte... E você? Fica enfurnada nesse quarto para estudar *Biomedicina*? E por que não *Medicina*, minha filha?

– Como pode essa menina ser tão diferente da gente?

– Quem puxa aos seus não degenera. E essa não degenerou mesmo, apodreceu – concluiu Adolfo.

Até mesmo os colegas de Britva pareciam participar da conspiração. Passaram a reparar no sinal (ou verruga?) e piadinhas surgiram daí. Na escola, quase sempre há mais crueldade sobre o adolescente que em sua casa. Mas os dois lugares podem se somar em um só pesadelo.

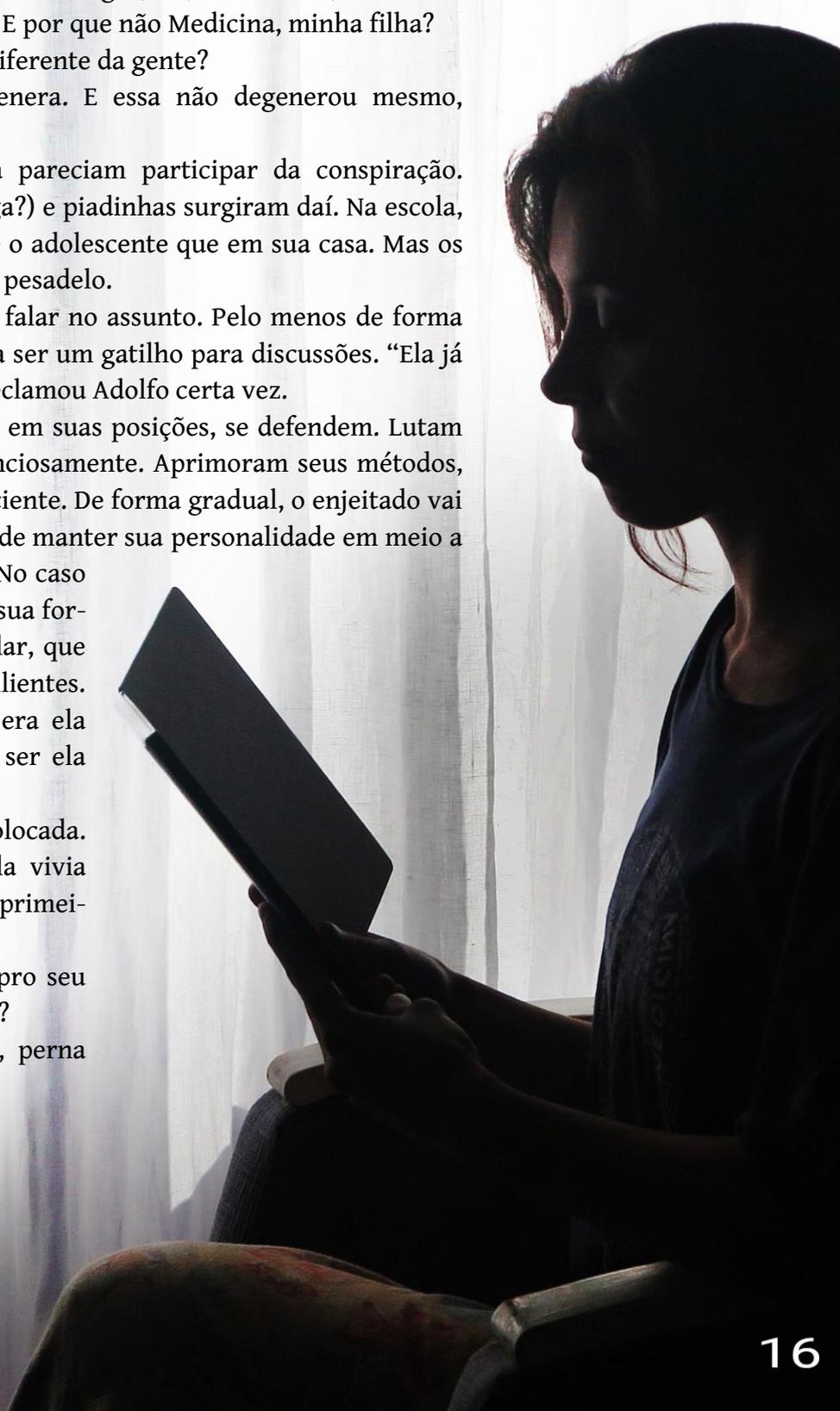
Com o tempo, a família deixou de falar no assunto. Pelo menos de forma direta. Até olhar Britva de frente podia ser um gatilho para discussões. “Ela já chega com quatro pedras nas mãos”, reclamou Adolfo certa vez.

Como dito, os resistentes se fixam em suas posições, se defendem. Lutam pelo que acreditam, muitas vezes silenciosamente. Aprimoram seus métodos, num refinamento que pode ser inconsciente. De forma gradual, o enjeitado vai construindo um alicerce seguro, capaz de manter sua personalidade em meio a uma quase completa falta de amparo. No caso de Britva, isso podia ser percebido em sua forma particular de se vestir, portar e falar, que foi adquirindo o toque pessoal dos resilientes. Nada de feio, nada de mais. Apenas era ela mesma, do jeito que lhe era possível ser ela mesma.

Veio o vestibular. Primeira colocada. “Coisa de Britva”, zombou Adolfo. Ela vivia tão isolada, tão *barata*, que passara de primeira. Pelo menos havia dado para CDF.

– Qual deve ser o DSM ou o CID pro seu caso? Será que o pai e a mãe acertaram?

– Sobre o que você está falando, perna bamba? – ela perguntou, aborrecida.



– Transtorno de personalidade esquizotípica. Eles acham que você tem. Logo em nossa família?! Britva, será possível que você nem se dá conta?

Um transtorno? Quem tinha transtorno precisava de tratamento, era o que acreditavam seus pais. Talvez internamento, completou Adolfo. “Lobotomiaaaaa...” Se ela era alvo desse tipo de ideia por parte dos pais, o que não pensariam seus colegas? E qual o lugar dos supostos loucos nesse mundo? Para uns, o hospício; para os ignorantes, o cassetete.

Quando nem os nossos acreditam em nós, quem mais acreditará senão nós mesmos? Na faculdade, também olhavam Britva de lado. Como uma metida a CDF ousava ofuscar a mesmice de aparências e pensamentos, destacar-se por sua singularidade...? Ela ameaçava os narcisistas. E ameaças precisam ser destruídas, excisadas, extirpadas do núcleo social.

– Você é estranha! – disse uma colega de turma certa vez, falando do jeito de Britva, “incompatível” com o de uma biomédica.

O mercado de trabalho foi ainda mais enfático. Nada de estágio para quem tinha tatuagens, visual esdrúxulo... Bizarrice caía bem nas artes plásticas. Que fosse para esse curso então.

E Adolfo estava lá, como um arauto do infortúnio, ostentando bandeiras para criar argumentos contra a irmã e mascarar sua incapacidade de entender verbos como “aceitar”, “aturar”, “suportar”, “admitir”, “consentir”...

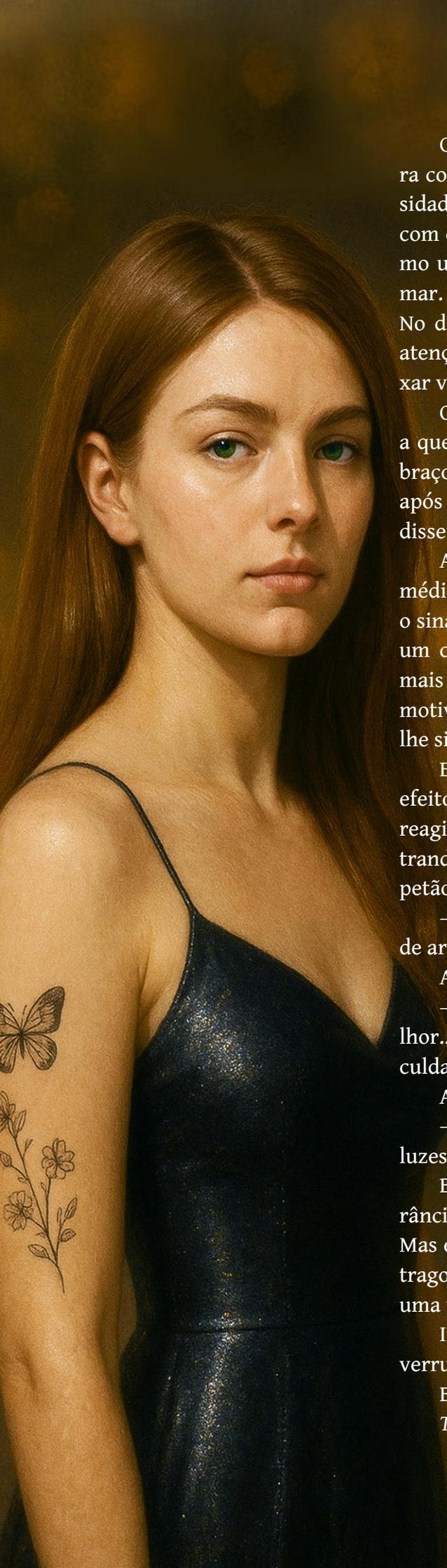
– Você bem que podia emagrecer mais, minha filha. Ficaria tão bonita esbelta e sem esse cabelo maluco... – disse sua mãe em um raro momento de trégua concedido por Britva, pois até os resistentes, os bravos defensores de si, precisam de uma folga. – E sem essa verruga horrorosa... Passa pomada de *Thuya*...

– O quê?!

– Pomada de *Thuya*, uma planta medicinal... Ótimo remédio contra verrugas. Passa que cura.

Não demorou muito e Britva estava diariamente com a mão cheia de bolinhas de diversas cores e formas – não eram de *Thuya*. De manhã, de tarde e de noite. Ansiolíticos, antidepressivos e sedativos. Serviam para lhe sedar a alma e tornar as coisas talvez mais suportáveis. As depreciações de Adolfo a desmotivavam a sair de casa. Só enviava felicitações de aniversário, Natal ou ano novo por WhatsApp, sempre recebendo como *feedback* alguma repreensão implícita. O tempo de resposta e as palavras usadas pelas pessoas também eram um bom indicativo do quanto não era aceita.





Quando Britva terminou a graduação, pagou a festa de formatura com o resultado do seu esforço; ela vendia brigadeiros na universidade. Decidiu aparecer diferente no evento, tornando-se parecida com os outros. Plácida e imponente, caminhou por entre os seus como uma diva. Era uma diva. A Diva. Afrodite saída das espumas do mar. O lustre dos cabelos resplandecia sob a luz do salão de festas. No dedo, o anel de formatura refulgia. Mas o que mais chamou a atenção de Adolfo tinha a ver com o sinal/verruga: sumira sem deixar vestígio.

O pai levantou-se ao vê-la pegar o canudo – apesar de discordar a que profissão remetia aquele pedaço de papel – e até abriu-lhe os braços com orgulho inédito. Era a sua “Brivinha” de volta. A mãe – após um “Aaaaah!” de boca aberta, mãos ao ar e cabeça tremulante – disse: “Minha filha! Você está linda!”

Adolfo – a áspide do Egito, talvez sem as presas, destilando remédio em vez de peçonha – tocou o ombro da irmã onde antes jazia o sinal (ou seria verruga?) e a chamou de “mana”. Ali não havia mais um carrapato disforme que merecia ser extirpado. Britva não era mais alvo de sua fúria, de sua hostilidade, mas carne da sua carne, motivo de agregação, de estima e acolhimento, o que quer que isso lhe significasse.

E a noite seguiu feliz até o fim. Pelo menos até Adolfo – com o efeito da satisfação diluindo-se à medida que Britva se destacava – reagir ao brilho da diva. O fantasma da diferença sumira, mas – mostrando que o que sai pode deixar lugar para coisa pior – disse de supetão, já voltando para casa:

– Essa tal láurea que você recebeu hoje não vale muito na hora de arranjar emprego. Talvez só lhe renda um elogio, Papilomatose.

Ato contínuo, o pai emendou:

– Mas por que mesmo Biomedicina? Eu fiz Direito e é muito melhor... O mercado de trabalho está supimpa... Se quiser, pago sua faculdade.

A mãe aproveitou:

– Esse seu cabelo até está bonito, minha filha, mas eu faria umas luzes. Valoriza...

Britva pôde saborear, por alguns instantes, a ausência da intolerância, que não mais se manifestava porque cessaram os motivos. Mas ela deixara em seu lugar uma amiga, também capaz de fazer estragos. Ela fazia germinar um desejo contra o sucesso do outro, e não uma vontade de acolher as diferenças.

Inveja, vilã como a intolerância, um incômodo infundável, uma verruga infectada.

Essa seria agora a mais nova sina de Britva.

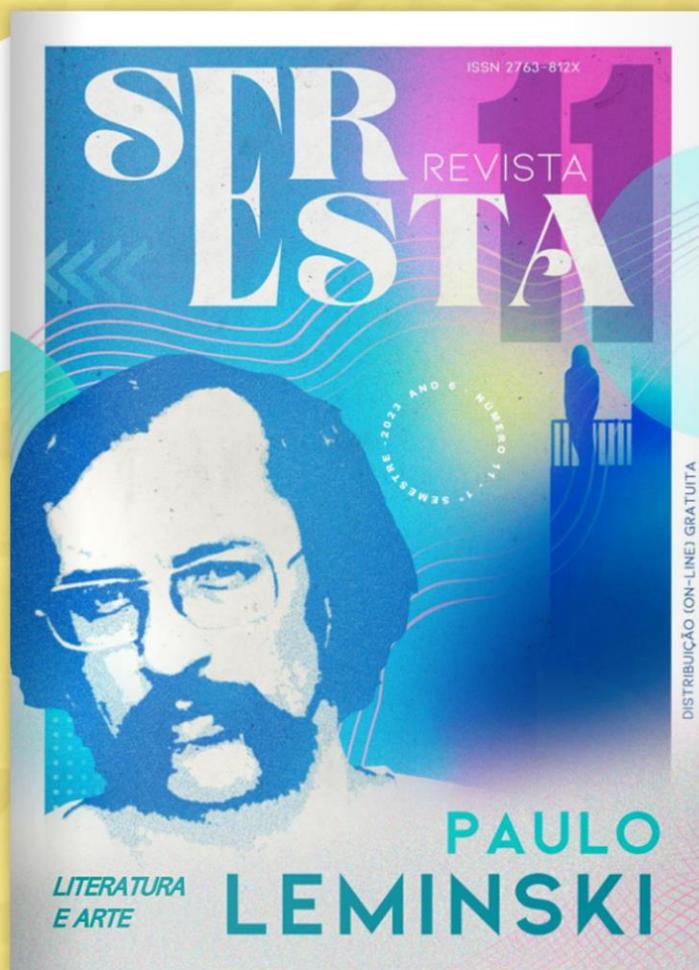
*Thuya occidentalis...*

■ ■ ■

# se você gosta de revistas literárias...

A Revista SerEsta foi criada por um grupo de amigos apaixonados pela arte e, também com a participação de seus leitores, tem a finalidade de homenagear figuras proeminentes da literatura. Conheça mais sobre essa publicação seguindo o link abaixo:

<https://revistaseresta.blogspot.com/>



POESIA

# A CASA DAVIDA



**William  
Ribeiro**

## A CASA DA VIDA

**Ali mesmo está a casa da vida. Seis grandes janelas fechadas por entulhos e fardos volumosos. Passeando mãos pelas grades sem tinta e lotando corredores, as crianças ainda correm numa genérica adoração de instante. Uma destituição de consciência entre telhados.**

**Ali mesmo, no andar de cima, alguém ensaia discussão, grita. As palavras escapam sem medida e não ditam réplica sóbria. Um velho acena e desaparece em seu quarto mofado, onde tudo ainda se esvai em lamento.**

**À porta, encarando passagens parcas e escadas sem avaria, o visitante cresce em seus próprios sonhos, imaginando apenas uma janela aberta para outro dia.**

**Era revelação de sentidos e prova da idade, ele pensa: Amanhã sempre pode ser outro dia.**



WILLIAM RIBEIRO

Nascido em Franca, interior de São Paulo, com formação em História e Psicologia, William utiliza uma linguagem peculiar em seus textos. Na Verlidelas, isso pode ser visto em seu livro solo, “O Matador e o Peregrino”, e nas diversas antologias em que participou com versos e contos.

**DEPOIS DO OUSADO** “Perfeitos por alguns segundos”, Jerônimo Bento retorna com um livro na mesma linha: “É proibido ponderar”. Entre aforismos e poemas, a obra explora as contradições de uma época em que pensar parece ser, por si só, um ato de resistência. É um passeio, com passos firmes, por temas como educação, comportamento, política, relações humanas, identidade e espiritualidade; em cada fragmento curto e incisivo de texto, o autor busca tocar no ponto sensível do nosso tempo: a substituição da reflexão por certezas instantâneas e discursos prontos.

O passar das páginas mostra um espírito inquieto, com frases e versos funcionando como espelhos desconfortáveis da sociedade contemporânea. Há críticas ao excesso de ideologias, à superficialidade das redes sociais, às ilusões do consumismo desenfreado, mas também convites ao autoconhecimento, à responsabilidade individual e à busca por sentido. Não se trata de um livro para quem busca respostas fáceis. Ao contrário, a força de “É Proibido Ponderar” está na capacidade de abrir fissuras, provocar desconforto e convidar o leitor a nadar contra a corrente de *slogans* e dogmas.

Misturando simplicidade e densidade, Jerônimo Bento entrega uma obra que pode ser lida aos poucos – como lampejos filosóficos para o cotidiano – ou de uma só vez, em um mergulho intenso nas nossas próprias contradições. “É proibido ponderar” se mostra, acima de tudo, como um chamado para quem ainda ousa duvidar, questionar e pensar – mesmo quando isso parece proibido.



## Jerônimo Bento

Filho de um comerciante e de uma merendeira escolar, nasceu em 1969 na cidade de Salvador. Seu gosto pela leitura surgiu aos onze anos de idade, quando ganhou de presente de aniversário de seus pais um dicionário da língua portuguesa. Graças ao estímulo em sala de aula, apaixonou-se por Literatura no ginásio e por Filosofia na UFBA, onde, aos dezessete anos, foi aluno do saudoso professor Ubirajara, que usava “O Banquete”, de Platão, em classe. Hoje possui graduação em Ciências Contábeis por aquela universidade, licenciatura em História pela Unijorge e especialização em História Social e Econômica do Brasil pela Faculdade São Bento da Bahia. Desde 2015 é professor de História pela Prefeitura de Camaçari. Publicou “Perfeitos por Alguns Segundos – Poemas, Aforismos e Reflexões” pela Verlidelas.

# se você gosta de **blogs literários...**

## Alegria de Viver e Amar o que é bom



[Página inicial](#)

[Equipe](#)

[Contato](#)

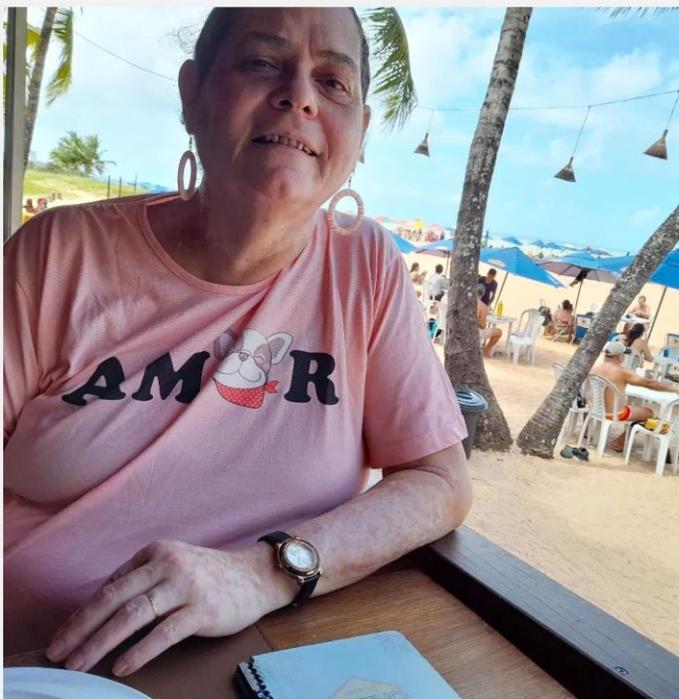
[Parceria](#)

[Sorteio](#)

[Resenhas](#)

[Selinhos](#)

de  
**Rudynalva Soares**



Psicóloga de formação, bancária de profissão (agora aposentada), leitora por opção e blogueira de coração. Bem eclética, vive em aprendizado constante. Faz da felicidade o seu objetivo de vida; e é isso o que divide em seu *blog*

[Conheça](#)